

Colunista

Marinhas - Arqueologia da Morte

**Zilda Maria Beltrão Fraletti**

graduou-se em Psicologia, mas seguiu o caminho das artes. Morou em Londres onde aprofundou seus estudos sobre o tema e trabalha como marchande há 24 anos. Fundou em Curitiba a primeira galeria de arte contemporânea, que leva seu nome. Na Lush, ela divide sua experiência e impressões a respeito do desenvolvimento de novos artistas e da constante mutação que vive o mundo das artes plásticas.

- zildafralletti@revistalush.com.br -

Ao visitar determinadas exposições sentimos de imediato que o artista que criou as obras ali expostas tem uma história muito intensa. A simplicidade aparente dos trabalhos denuncia a riqueza de vivências e o vasto conhecimento de seu criador. A exposição "Marinhas-Arqueologia da Morte", do fotógrafo **Orlando Azevedo**, provoca este sentimento. Há 20 anos Orlando encontrou no Chuí um tampo de mesa enferrujado -- de cerca de 60 cm de diâmetro -- e o trouxe para casa, para pendurar na parede, como um quadro. Mas com o tempo veio a ideia de usá-lo como fundo para fotografar objetos e animais mortos achados na praia, os "Náufragos da Existência", como ele os denomina. São esqueletos de peixes, estrelas-do-mar, cavalos-marinhos, conchas, embriões, pingüins, galos, polvos, sapatos velhos, ferramentas enferrujadas. Todos estão em decomposição, lembrando vidas que se acabaram e que, através da fotografia, são eternizadas. >



Segundo o autor, "as imagens possuem, como não poderia deixar de ser, uma visceralidade envolvente e contundente. Um verdadeiro mergulho no ciclo da transformação e sua poética. Portas e portos de países desconhecidos. Tatuagens que os oceanos insistem em devolver, esculpir e transformar".

Uma das imagens mais fortes é a de um ursinho de pelúcia enrolado em arame, que provoca os sentidos deixando questões tais como: será que a criança que o possuía fez isto numa atitude de raiva? Foi feito por um adulto, usando o brinquedo para representar alguém a quem queria imobilizar? Ou teria sido usado em alguma espécie de ritual? Jamais saberemos, e esta dúvida torna a questão ainda mais provocadora.



As 33 imagens foram feitas no estúdio do fotógrafo, com câmera de grande formato, o que garante resultado de alta definição e resolução. A câmera e o tampo de metal usado como fundo abrem a exposição. É impressionante ver como através do uso da luz o tampo se transforma, muda de cor, de textura, por vezes mimetiza o objeto que se apóia sobre ele. A respeitadora historiadora portuguesa Maria do Carmo Sérem, que assina um dos textos do catálogo, diz: "É arqueologia porque nos reconstitui o que foi vida e o que foi desejo; porque nos insinua que o tempo foi interrompido, que a morte evidente dos restos apela para a vida que foi". >

Orlando Azevedo nasceu nos Açores (Portugal) e vive no Brasil desde 1963. Apaixonado pela fotografia, aos 13 anos já havia feito um curso por correspondência e já tinha um laboratório. Possui obras em acervos de importantes Museus do mundo, e em coleções privadas nacionais e internacionais. É editor, tendo publicado diversos livros. As principais revistas especializadas em fotografia publicaram matérias sobre seu trabalho. Realizou a curadoria das três edições da Bienal Internacional de Fotografia da Cidade de Curitiba e a exposição "A Revolta", de Franz Krajcberg, em 1994. Idealizou e coordenou a expedição Coração do Brasil, entre 1999 e 2002, na qual percorreu todo o território nacional em um Jeep, fotografando o país, seu povo e suas particularidades. As fotos resultaram em belíssima exposição e a publicação de três livros que integram a coleção "Coração do Brasil" (Homem, Terra, Mito).



Irrequieto e criativo, Orlando transita com facilidade impressionante entre a fotografia, a poesia, a prosa e a música. E toda esta versatilidade está presente nas imagens que capta, e através das quais escreve com a luz. Ele considera as imagens que produz como sendo um auto-retrato.

A exposição "Marinhas - Arqueologia da Morte" acontece no Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba, e permanecerá até o dia 28 de novembro. ▶

